

# Inserções enunciativas, autonomia e a atualidade do conceito de suposição semântica

Eugênio Pagotti<sup>1</sup>

## Introdução

O objetivo deste trabalho é verificar a pertinência da leitura autonímica das inserções enunciativas em *suppositio semantica*, a partir de excertos do material registrado pelo Projeto NURC/SP.

1. Para a adequada compreensão do caráter semiótico do discurso reportado, é importante distinguir entre duas situações básicas:

- a) a presença de signos em uso denotativo extralingüístico, desempenhando as seguintes funções: i) constituir objetos-de-discurso mediante referenciação; ii) designar objetos-de-realidade mediante referência; iii) mencionar objetos mentais extralingüísticos (conceitos não-gramaticais); iv) participar de predicções em relação a esses objetos. Como exemplo, temos: [1.1] “*São Paulo possui um rio poluído*”; [1.2] “*O termo médio em um silogismo é*

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto da UFS, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela UsP, 2007.

comum à premissa maior e à premissa menor” e [1.3] “*Santos é litorânea*”. Em suma, usamos um signo para mencionar algo que não esse signo particular; segundo uma tradição lógica, temos aqui, simplesmente, o *uso* de um signo;

- b) a presença de signos em uso denotativo metalingüístico *lato sensu*<sup>3</sup>, isto é, termos que implicitamente desempenham uma função intralingüística, mencionando a si mesmos, ou seja, tomando a si mesmos como objetos de referência e destacando seus planos de expressão ou estruturas significantes: trata-se, portanto, de signos autonímicos<sup>4</sup>. Tais signos participam de predicções que declaram atributos desses mesmos signos. Como exemplos, temos: [2.1] “*São Paulo possui dois ditongos*”, [2.2] “*O termo*

<sup>3</sup> Os termos metalingüísticos *stricto sensu* são termos criados para expressar os conceitos puramente gramaticais, constituindo o vocabulário técnico dessa metalinguagem. Nessa categoria temos os termos tais como: “substantivo”, “sujeito”, “adjetivo”, “adjunto adnominal”, etc.

<sup>4</sup> “Quando um símbolo é usado [...] como um nome de si mesmo (ou, mais precisamente, como um nome de seu próprio esquema-símbolo), chamá-lo-emos um ‘símbolo autônimo’”; “Uma designação de um objeto pode ser ou um nome próprio ou uma descrição desse objeto. A evidente necessidade de ter em mente a distinção entre uma designação e o objeto designado [...] embora freqüentemente enfatizada em Lógica, não é sempre observada na prática. Se o objeto designado é uma coisa tal como uma cidade, e a designação em si mesma uma palavra (falada ou escrita), a distinção é óbvia. [...] Se, em vez de “*Paris é dissílaba*”, escrevêssemos “*Paris é dissilaba*”, o método de escrita é incorreto, porque estamos usando a palavra ‘*Paris*’ em dois sentidos diferentes”; “Desde que o nome de um dado objeto pode ser escolhido arbitrariamente, é perfeitamente possível tomar, como nome de uma coisa, a coisa em si mesma ou, como o nome de um tipo de coisa, as coisas desse tipo. Podemos, por exemplo, adotar a regra pela qual, em vez da palavra ‘*fósforo*’, um fósforo deva sempre ser colocado sobre o papel. Mas é mais freqüente que uma expressão lingüística, em vez de um objeto extralingüístico, seja usada como sua própria designação. Denominamos uma expressão que é empregada desse modo como ‘*autônima*’. Nesse caso a expressão é usada em alguns lugares como a designação de si mesma e em outros como a designação de outra coisa” (CARNAP, 1937, p.17,153,156).

*médio* não poderia ser eliminado do enunciado ‘1.2’” e [2.3] “*Santos* é paroxítona”. Como é possível perceber, alguma convenção gráfica deve ser utilizada para sinalizar o fenômeno autonímico. Em [2.1], devemos grafar ‘*São Paulo*’; em [2.2], o termo “*médio*” deve aparecer entre aspas simples (‘*médio*’) e em [2.3] o termo “*Santos*” deve assim ser grafado: ‘*Santos*’. Em suma, na autonomia, usamos um signo para mencionar esse signo em particular, enfatizando seu significante (embora seus significados mantenham-se implícitos, sem destaque especial); segundo uma tradição lógica, temos aqui, simplesmente, a *menção* a um signo.

A estrutura  $[d; v]:'C'$  da citação direta<sup>5</sup> pode ser focalizada, dentre outros, a partir de dois pontos de vista concorrentes: a) uma estrutura global de signos em uso denotativo extralingüístico  $E^n(C^n)$ <sup>6</sup>,

<sup>5</sup> “A citação direta [...] representa uma estrutura enunciativa cuja fórmula canônica pode ser simbolizada por  $[d; v]:'C'$ , isto é, há uma subestrutura introdutória formada por uma dêixis ‘*d*’ (pressupondo uma relação *ego-hic-nunc*, que afirma a existência de um determinado locutor, em dado espaço e em dado tempo) e um verbo declarativo ‘*v*’ (a estrutura de apresentação  $[d; v]$  pode ser lida: ‘o locutor *A*, no tempo *T* e no lugar *L*, disse:...’); a essa subestrutura segue um enunciado citado ‘*C*’, visto como uma reprodução literal de um enunciado anterior ou como uma representação mimética cujos signos podem ser entendidos como autonímicos. Os colchetes indicam que essa subestrutura pode ser explícita ou estar implícita, embora seja sempre resgatável ou passível de postulação” (PAGOTTI, *op. cit.*, p. 16).

<sup>6</sup> “Adotaremos aqui a simbologia presente em Barthes (1993, p. 95-99), em que o plano de expressão ‘*E*’ e o plano de conteúdo ‘*C*’ apresentam-se ligados por uma relação *RERC*, formando assim o signo. Os parênteses substituem o símbolo ‘*R*’, indicando a presença interna do plano de conteúdo frente à presença externa do plano de expressão: ‘ $E^n(C^n)$ ’. O índice ‘*n*’ indica a presença de um plano de expressão e um plano de conteúdo ambos genéricos, ou seja, referentes a um signo tomado como fórmula ou como representante de toda uma classe ou categoria; números atribuídos ao índice sinalizam a presença de um signo específico. Sempre que anotarmos ‘ $E^1(C^1)$ ’, estaremos fazendo referência a um signo específico, em sua versão extralingüística denotativa, indicando um significado lexical usual” (Ibid., p. 62).

isto é  $E^n(C^n)$ : " $E^n(C^n)$ "; b) uma subestrutura de signos em uso extralingüístico denotativo e uma subestrutura de signos em uso metalingüístico *lato sensu* ou signos autonímicos, ou seja,  $E^n(C^n)$ : " $E^n(E^n(C^n))$ ". Esta última situação é aceita por autores que vêm na citação direta *stricto sensu* um caso de emprego autonímico dos signos, o que implica, portanto, a inexistência de qualquer relação extralingüística denotativa, sendo enfatizado o caráter metalingüístico dos signos usados entre aspas, com destaque para os planos de expressão.

Segundo afirmamos em nosso trabalho, é possível interpretar as citações diretas *stricto sensu* (os enunciados usualmente apresentados entre aspas no discurso reportado) como estruturas autonímicas cujo caráter difere em certa medida do uso autonímico tradicional: constituiriam ocorrências do que se denomina, segundo a proposta de Christensen (1957, p. 363-367) *suppositio semantica*. Neste caso, existe menção intralingüística denotativa em relação ao próprio signo; porém, menciona-se o plano de expressão e, *simultaneamente*, o plano de conteúdo, focalizando algum significado específico que o signo deve assumir no contexto de um enunciado particular. Neste tipo de autonomia, portanto, o significado recebe um destaque que o emprego autonímico tradicional não promove. É o caso do seguinte exemplo: [3] “‘Mala’ é ‘maçador’”.

Estabelecêramos um resumo comparativo entre as características essenciais da subestrutura da citação *stricto sensu* “C” e o tipo de ocorrência que então identificamos e denominamos “inserção enunciativa”: aqui, interessa-nos lembrar as principais características desta última<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Apresentamos as características da citação *stricto sensu*: sob o aspecto formal, a citação-inserção “C” apresenta-se como um enunciado cuja função sintática corresponde a um complemento objeto do verbo declarativo da subestrutura

Formalmente, esta estrutura não depende de qualquer subestrutura introdutória de tipo *[d;v]*. Não há uma citação-inserto subordinada a um enquadramento co-textual e, portanto, não há a necessidade de acomodações sintáticas em relação aos trechos enunciativos antecedentes e subseqüentes. A ruptura sintática é um traço característico do emprego discursivo da inserção enunciativa; sua integração textual verifica-se, portanto, no plano discursivo-cognitivo.

---

(CONTINUAÇÃO CIT. 07)

introdutória. Quer explícito, quer implícito, o verbo declarativo realiza um enquadramento da citação, que passa a ser tratada como uma estrutura a ele subordinada, sob o aspecto gramatical e discursivo. Uma vez dependente, a citação-inserto é adaptada, de forma a não representar ruptura na organização sintática frente ao co-texto. Sob o aspecto dos signos constituintes, entendemos que a citação-inserto “C” é formada por signos autonímicos em situação de *suppositio materialis*. Porém, essa condição é mascarada pela condição de *suppositio formalis* dos signos co-textuais, pela influência do enquadramento, e pela influência da estrutura dêitica do locutor principal. Sob o aspecto da conversão em discurso indireto, a citação-inserto normalmente aceita uma conversão para um discurso indireto interpretado como equivalente, ou, mais precisamente, como ambas as formulações são consideradas correspondentes, aceita-se que qualquer citação possa ser formatada em discurso direto ou indireto, indiferentemente, desde que se privilegie uma leitura “*de re*” do enunciado a ser reportado. Sob o aspecto discursivo, a citação-inserto corresponde a uma enunciação organizada de acordo com estruturas dêiticas debreadas pelo locutor que reporta, as quais tomam como referência básica a própria situação enunciativa desse locutor. O locutor pode interferir e determinar efeitos discursivos (modalizações, evidencialidade, envolvimento etc.) que se estabelecem entre ele, os enunciadores instalados na citação-inserto e seus interlocutores da interação atual. A presença do verbo declarativo impõe, explicitamente, uma seleção de perspectivas e pontos de vista; mesmo assim, a citação-inserto é, convencionalmente, assumida como uma reprodução neutra e fiel do enunciado citado. A função discursiva por excelência da citação-inserto é, real ou imaginariamente, reproduzir um enunciado-fonte anterior, do mesmo modo que, em uma paráfrase, o texto-produto representa um enunciado semanticamente equivalente ao texto-fonte.

No que diz respeito aos signos constituintes, verifica-se que essa estrutura é constituída por signos autonímicos em situação de *suppositio semantica*. O caráter autonímico fica evidenciado, quer pela presença de marcas discursivas que descaracterizam uma possível menção extralingüística denotativa sobre a qual se predica (*suppositio formalis*), quer pela impessoalidade, atemporalidade e atopicidade impostas pela estrutura dêitica do enunciado mimeticamente demonstrado (*staging*). O emprego das inserções enunciativas implica uma ênfase não só sobre a estrutura de significantes, mas também sobre alguns significados específicos, fato que justifica a leitura em *suppositio semantica*.

Sob o ponto de vista enunciativo, a inserção enunciativa não apresenta uma dêixis subordinada, discursivamente, à estrutura dêitica do locutor principal, isto é, nenhuma imbricação dêitica é manifestada explicitamente. Propriamente falando, dever-se-ia assumir aqui a existência de uma estrutura dêitica virtual que se mantém indefinida, sem preenchimento semântico específico. A posição do locutor em relação à inserção enunciativa depende, basicamente, de operações inferenciais realizadas pelo interlocutor; manifesta-se, simplesmente, a ação elocutória em si mesma, ocultando-se a polarização entre locutor-enunciador, típica da citação direta.

Com base nessa síntese, identificamos o objeto em questão. Trata-se de: a) uma estrutura de signos autonímicos em *suppositio semantica*; b) uma demonstração enunciativa por *staging*, ou seja, uma representação mimética de um enunciado potencial, caracterizando uma “cena enunciativa” ou “cenografia”; c) um enunciado que não depende de qualquer estrutura de enquadramento do tipo [*d*; *v*]; d) uma inclusão co-textual cuja coerência se verifica no plano discursivo-cognitivo; e) uma estrutura dêitica impessoal, atópica e atemporal. É interessante comparar esse objeto com aquilo que, em Koch (2004, p. 78), de-

nomina-se “categorização metaenunciativa de um ato de enunciação”.

2. Para nossos objetivos, importa retomar Christensen (*op. cit.*, p. 363-367) e examinar o conceito, proposto pelo autor, de *suppositio semantica*. Os exemplos que apresenta são: [4] “*Você nunca deveria dizer ‘nunca’*”; [5] “*‘Oftalmologista’ significa o mesmo que ‘médico de olhos’*”.

No exemplo [4], temos um enunciado que obviamente menciona um objeto lingüístico. O signo “*nunca*” (primeira ocorrência) representa um uso cuja menção é extralingüística e denotativa: trata-se de um caso de *suppositio formalis*, pelo qual o signo desempenha sua função canônica  $\frac{3}{4}$  promover uma referência ou uma referenciação. Por sua vez, o signo “*nunca*” (segunda ocorrência) aparece entre aspas simples, acompanhando a convenção lógica sobre os autonímicos, constituindo uma ocorrência em *suppositio materialis*. Porém, percebe-se aqui uma particularidade: não há, unicamente, uma menção à estrutura significante para se dizer algo a respeito dela: há também uma menção a um significado específico que esse signo deve assumir, menção essa simultânea à demonstração mimética do signo enquanto puro significante.

Em outras palavras, o que nunca se deveria dizer não é simplesmente o significante “*nunca*” ([Ènu].k«]), mas sim, e isto é decisivo, esse significante com um significado particular (por exemplo, «*jamais*»). Ou seja, o enunciado deixa claro que o locutor está também enfatizando o conteúdo semântico do signo e não apenas sua estrutura de significantes em *suppositio materialis*. Contudo, deve-se observar que este, igualmente, não é um uso para mencionar, como ocorre em *suppositio formalis*, um significado extralingüístico sobre o qual se predica ou um uso para designar um dado referente. Segundo o autor, trata-se de uma ter-

ceira modalidade de suposição, para a qual propõe a denominação “*suppositio semantica*”<sup>8</sup>.

Para o exemplo [5], observa-se que ‘*oftalmologista*’ e ‘*médico de olhos*’ não ocorrem como signos mencionados unicamente em suas estruturas significantes: são menções que focalizam o signo integral, com seus significados definidos, embora não se refiram a qualquer oftalmologista materialmente dado, nem tampouco a algum médico identificável. Há, pois, outro caso da ocorrência denominada *suppositio semantica*.

De acordo com essa proposta, conclui-se que as expressões lingüísticas podem desempenhar três tipos de uso e menção:

- a) um uso que se refere predominantemente ao significante de um signo, mencionando-o em uma predicação (*suppositio materialis*). Exemplos: [6.1] “‘*Cão*’ possui um fonema nasal”; [6.2] “‘*Cão*’ pode certamente ser pluralizado” (ou seja, o termo “cão”);

---

<sup>8</sup> “Considere, por exemplo, a sentença  $\frac{3}{4}$  ‘*Você nunca deveria dizer ‘nunca*’  $\frac{3}{4}$ ; não há dúvida que nessa sentença falamos sobre algo lingüístico. Por essa razão ‘*nunca*’ está colocado entre aspas simples, de acordo com as convenções costumeiras. Por outro lado, é igualmente claro que ‘*nunca*’ não é aqui um mero complexo de sons e letras, o qual produzimos para dizer alguma coisa sobre ele. Portanto, deveríamos perguntar se ‘*nunca*’ nessa ocorrência deveria ser considerado como parte de um nome mencionando uma expressão lingüística, conforme a visão costumeira o fará. [...] Em [4] é muito claro que a primeira e apenas a primeira ocorrência de ‘*nunca*’ deve ser classificada com sentido em *suppositio formalis*, mas não é por isso evidente de imediato que a segunda ocorrência é em *suppositio materialis*, embora ela seja geralmente classificada assim. Definitivamente, não é o signo material ‘*nunca*’ que não deveríamos ‘*dizer*’; ao contrário, é a expressão ou palavra com aquele significado preciso. Parece que necessitamos de um nome para um terceiro tipo de uso aqui, e, desde que o significado é a questão, eu proponho chamá-lo ‘*suppositio semantica*’ [...] fazemos nossa tríplice distinção entre diferentes tipos de uso de uma expressão: uso para referir [*suppositio formalis*], uso como um simples complexo de sons e letras [*suppositio materialis*], e uso como uma expressão representada com significado” (CHRISTENSEN, *op. cit.*, p. 365).

- b) um uso que se refere predominantemente ao referente (objeto-de-realidade, objeto-de-discurso ou objeto mental) de um signo, mencionando-o em uma predicação (*suppositio formalis*). Exemplo: [7.1] “*Cão possui um olfato aguçado*”; [7.2] “*Cão pode certamente ser feroz*” (ou seja, o animal denominado “cão”);
- c) um uso que se refere igualmente ao significante e ao significado de um signo, mencionando-o em uma predicação (*suppositio semantica*)<sup>9</sup>. Exemplo: [8.1] “*‘Cão’ é equivalente a ‘o melhor amigo do homem’*”; [8.2] “*‘Cão’ pode certamente ser ‘canídeo’*” (ou seja, o signo “cão”).

Esta tipologia mostra-se mais acurada, por melhor distinguir ocorrências que, usualmente, seriam incluídas sob uma única rubrica ou constituiriam casos fronteiriços. O autor observa que a *suppositio semantica* também não se baseia em uma distinção exclusiva entre uso e menção (a idéia de que ou deveremos *usar* uma expressão lingüística para falar dos objetos extralingüísticos referenciados ou deveremos, caso quisermos dizer alguma coisa a respeito dessa expressão, *mencioná-la* por meio de um nome ou uma descrição metalingüística).

Assim, a expressão “*médico de olhos*”, no exemplo [5], não é usada como um nome que menciona uma expressão lingüística, isto é, como um signo de um signo (como ocorreria no seguinte exemplo: [9] “*‘Médico de olhos’ pode ser pronunciada com cinco sílabas*”); é um uso demonstrativo dessa expressão para mostrar o significado

---

<sup>9</sup> Assim resume o autor esta tipologia: “em geral, parece que qualquer expressão lingüística pode ser usada ou ocorrer em, pelo menos, três possibilidades: como um complexo sonoro-gráfico exclusivamente, em *suppositio materialis*; como uma expressão com significado, mas não referencial, em *suppositio semantica*, e como uma expressão referencial em *suppositio formalis*.” (CHRISTENSEN, *op. cit.*, p. 364).

do signo “*oftalmologista*”. Em suma, a expressão “*médico de olhos*” é mencionada e demonstrada (mimeticamente representada mediante *staging*) não apenas como um complexo sonoro e gráfico de significantes (*suppositio materialis*), mas sim como um complexo semiótico dotado de um significado e uma função significativa particular.

O quadro abaixo, adaptado de nosso já mencionado trabalho, presta-se para ilustrar os três tipos de suposição aqui tratados: na primeira coluna, temos exemplos de *suppositio formalis*, nos quais os termos empregados designam referentes extralingüísticos (objetos-de-realidade) ou constituem objetos-de-discurso; na coluna central, temos exemplos de *suppositio materialis*, nos quais os termos sublinhados dizem respeito a objetos estritamente lingüísticos, subentendendo estruturas introdutórias tais como “a palavra” ou “a expressão”; por fim, na coluna da direita, aparecem exemplos de *suppositio semantica*, nos quais os termos sublinhados referem-se, ao mesmo tempo, ao signo enquanto significante e significado, porém sem ser empregado para designar objetos extralingüísticos por referência ou por referenciação.

<i>suppositio formalis</i>	<i>suppositio materialis</i>	<i>suppositio semantica</i>
[10.1] “Eu gosto de usar essa expressão radical”	[11.1] “Eu gosto de usar essa expressão ‘radical’”	[12.1] “‘Radical’ quer dizer ‘republicano de esquerda’ e não ‘extremista’”
[10.2] “O radical tem uma conotação negativa hoje em dia”	[11.2] “O ‘radical’ tem uma conotação negativa hoje em dia”	[12.2] “‘Radical’ é ‘aquele que pensa radicalmente a sociedade’”
[10.3] “Raiz não pode ser confundida com radical”	[11.3] “‘Raiz’ não pode ser confundida com ‘radical’”	[12.3] “Um espírito crítico que se torna ‘radical’; quer dizer, ‘pega as coisas pela raiz’”

No exemplo [10.1], o signo “*radical*” é usado em *suppositio formalis* como adjetivo, mencionando os conceitos «*fundamental*», «*essencial*», «*básica*» que qualificam o termo “*expressão*”. No exemplo [10.2], “*radical*”, em *suppositio formalis* como substantivo, menciona o conceito «*pessoa não moderada e inflexível*», para o qual se predica “*conotação negativa*”, ou seja, «*que está vinculado a um valor negativo ou que é membro de uma relação negativa*». O exemplo [10.3] mostra que os termos sublinhados referem-se aos conceitos mencionados (ou, em outra perspectiva, aos objetos-de-discurso “*raiz*” e “*radical*”).

No exemplo [11.1], o signo de signo ‘*radical*’ usado em *suppositio materialis*, mencionando o signo “*radical*”, introduzido pelo termo metalingüístico “*essa expressão*”. No exemplo [11.2], ‘*radical*’, em *suppositio materialis*, possui como predicado “*uma conotação negativa*”, isto é, «*um significado subjacente negativo*». O exemplo [11.3] mostra que o exemplo [10.3] pode ser interpretado autonomicamente (trata-se das palavras “*raiz*” e “*radical*”).

Os exemplos [12.1; 12.2 e 12.3] ilustram casos de *suppositio semantica*; neles, ‘*radical*’ é destacado em seu significante e em um significado específico, fato demonstrado pelas expressões que se prestam para particularizá-lo em uso: assim, ‘*radical*’ aqui deve ser compreendido como ‘*republicano de esquerda*’; ‘*aquele que pensa radicalmente a sociedade*’; ‘*aquele que pega as coisas pela raiz*’, e não como ‘*extremista*’. Não se trata de *suppositio formalis* porque, nestes casos, os signos não mencionam conceitos extralingüísticos em enunciados que exclusivamente predicam em relação a tais referentes: aqui, predica-se, *ao mesmo tempo*, em relação aos significantes e a certos significados específicos.

Como se pode apreender nestes últimos exemplos, ocorre um processo parafrástico que difere do processo apontado para os termos autonímicos apresentados nos exemplos “11.1”, “11.2” e “11.3”: não se trata aqui de se encontrar expressões alternativas para descrever um signo através de sua estrutura de significantes, mas sim

de encontrar signos que possam ser vistos como equivalentes sob o ponto de vista de significados discursivamente especificados, embora não em uso extralingüístico denotativo.

Com isso, entendemos que a *suppositio materialis* e a *suppositio semantica* representam duas modalidades de autonomia, ambas concernentes à utilização intralingüística dos signos: a primeira denominando os usos nos quais ocorre menção aos significantes, sem menção a significados particularizados (a razão para o uso fundamenta-se na necessidade de se destacar o plano de expressão), e a segunda denominando os usos nos quais ocorre menção aos significantes e a significados específicos (a razão para o uso fundamenta-se na necessidade de se destacar, ao mesmo tempo, ambos os planos).

3. Examinaremos em seguida alguns excertos para confirmar a pertinência dos conceitos apresentados. Neles, procuraremos destacar exemplos de inserções enunciativas cujo caráter autonímico dos signos em *suppositio semântica* seja manifesto.

[EXCERTO UM]

L2 eu normalmente ouço também... – sabe que pobre levanta  
85 cedo né? (risos) – dez para as seis horas eu estou ouvindo o  
noticiário da Tupi... eles dão... e tem a mãe também né?...  
aquela previsão infalível né? sua mãe né?... “leva guarda-  
chuva vai chover olha o céu como é que está” ... é certeza  
90 que chove sabe que geralmente mãe não erra né? ... você  
nunca leva...entende?... é fogo você não pode se você for se  
guiar... serviço de metereologia ninguém acerta... você vê o

[PROJETO NURC/SP INQUÉRITO Nº 62 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA Nº 20 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> INFS. Nº 69 E 70 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE DOIS INFORMANTES (D2) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 84-93]

No primeiro excerto, podemos observar a presença de uma metapredicação com inserção enunciativa: *previsão infalível @ “leva guarda-CHUVA vai chover olha o céu como está”*. A enunciação inserida funciona como uma paráfrase enunciativa da expressão em *suppositio formalis* “*previsão infalível*”, demonstrando, por meio de mimese e *staging*, conteúdos semânticos equivalentes. Parece razoável entender que os signos presentes na inserção enunciativa são autonímicos, pois se trata de um uso de signos para mencionar não um referente extralingüístico, mas sim a própria estrutura semiótica (são essas palavras específicas que são objetos de menção, e não os possíveis referentes dessas palavras); por outro lado, não podemos deixar de considerar que essas palavras não foram inseridas apenas para mencionar os respectivos significantes, mas sim para também destacar determinados significados. Portanto, entendemos aqui a presença de signos em *suppositio semântica*, de acordo com a proposta de Christensen.

Para os próximos dois exemplos são válidos os mesmos comentários: no excerto dois temos a estrutura *condenar @ “você...católica...numa escola protestante”*; no excerto três temos a estrutura *ficar analisando @ “olhe mas que coisa”*. Ambas as inserções podem ser interpretadas adequadamente como casos de *suppositio semântica*.

[EXCERTO DOIS]

- |     |  |
|-----|--|
| 335 | na escola... não é? o que havia era um culto diário... que nós éramos obrigados a assistir... ó que aliás era muito bom... porque era um trechinho da Bíblia... e foi ... justamente uma coisa que... al/na ocasião... algumas pessoas |
| 340 | condenavam “você... católica... numa escola protestante” não tinha importância nenhuma porque eu não sofri influência nenhuma de/desse protestantismo... e   |

PROJETO NURC/SP INQUÉRITO Nº 242 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA Nº 92 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> INF. Nº 295 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 338-341]

## [EXCERTO TRÊS]

655 modernas porque aquelas igrejas antigas... hoje eu até... me aborreço quando eu vou visitar de ver todo mundo fazendo da igreja um museu... então desapareceu a religiosidade... todo mundo fica “olhe omas que coisa” analisando... as peças... analisando então não é mais um ambiente religiosos não é? é um ambiente artístico...

PROJETO NURC/SP INQUÉRITO Nº 242 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA Nº 92 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> INF. Nº 295 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 651-656]

## [EXCERTO QUATRO]

1510 L1 aí veio uma série de filmes sobre aquilo... até parece que às vezes eles poxa vida eles em em virtude das próprias dificuldades financeiras “não pô vamos aproveitar o mesmo cenário tudo aquilo”... agora já facilita né?... pode pensar nesses termos mesmo...

[PROJETO NURC/SP INQUÉRITO Nº 62 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA Nº 20 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> INFS. Nº 69 E 70 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE DOIS INFORMANTES (D2) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 1510-1514]

No quarto excerto, temos duas estruturas semanticamente relacionadas “até parece que às vezes eles poxa vida eles em em virtude das próprias dificuldades financeiras” e “não pó vamos aproveitar o mesmo cenário tudo aquilo”. A especificação da primeira estrutura é promovida pela inserção enunciativa seguinte, cujo caráter demonstrativo-mimético, mediante *staging*, pode ser verificado. Vemos que a leitura em *suppositio semantica* é a mais razoável: ao mencionar a estrutura “vamos aproveitar o mesmo cenário”, o enunciador não se refere a objetos extralingüísticos contextualizados (a qual cenário se refere o enunciado?), tampouco apenas se refere à seqüência de significantes (não há termos autonímicos em uso me-

talingüístico *lato sensu*; comparemos com o seguinte enunciado: “*Vamos aproveitar ‘o mesmo cenário’*”, em que se subentende a proposta de aproveitamento da expressão “*o mesmo cenário*”). Destaca-se o significado dessa estrutura como um tipo de paráfrase enunciativa da estrutura anterior (“em virtude das próprias dificuldades financeiras”), constituindo assim um caso de *suppositio semântica*.

## [EXCERTO CINCO]

1055 L2 não é verdade? então eles têm que telefonar... de um modo  
que não seja... de jeito nenhum seja seja indentificado para  
que que é... e conversar com a pessoa diretamente... e agora  
normalmente também para chegar nessas pessoas... tem  
1060 L1 uma série de barreiras... porque não são pessoas que direto  
L2 “eu quero falar com Zé da Silva” e o Zé da Silva atende do  
outro lado... né? tem:...  
o secretário da secretária

tem secretária... que querem sa/saber o porquê:: o motivo  
que quer falar com aquela pess::a tudo isso... né?... então  
ou ligam para a casa... da

[PROJETO NURC/SP INQUÉRITO N° 360 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA N° 137 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>  
INFS. N° 472 E 473 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE DOIS INFORMANTES  
(D2) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 1053-1063]

No quinto excerto, vemos a estrutura em *suppositio formalis* “também para chegar nessas pessoas ...tem uma série de barreiras...porque não são pessoas que direto [...] e o Zé da Silva atende do outro lado”; como inserto, aparece uma estrutura em *suppositio semantica*: “eu quero falar com o Zé da Silva”. As mesmas observações anteriores são aqui válidas: não se trata do mesmo uso extralingüístico verificado co-textualmente; ao mesmo tempo, o significado lingüístico da expressão mencionada é levado em con-

ta, embora não haja menção a referentes contextualmente determinados.

Finalmente, nos próximos dois exemplo, as estruturas “eu vou ser médico”, “ah mas lixeiro não” e “vou fazer um sanduíche” podem ser interpretadas como outros casos de suppositio semântica.

[EXCERTO SEIS]

60	o que faz um médico... porque às vezes uma criança quando a gente orienta...ela é levada...a... ela gosTARIA de ser lixeira... gosTARIA... mas ela às vezes vai ser um PÉssimo
65	médico quando ela poderia ser um Ótimo lixeiro... então “ah mas lixeiro não” mas É importante... é importante... mecânico QUANTo mocinho

PROJETO NURC/SP INQUÉRITO Nº 251 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA Nº 90 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> INF. Nº 288 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 59-65]

[EXCERTO SETE]

Doc	escuta R. vamos supor que você estivesse na sua casa... morrendo de fome... então se você “vou fazer um sanduiche”... que tipo de sanduiche você faria? o que você lo/colocaria dentro do PÃO?...
-----	---

PROJETO NURC/SP INQUÉRITO Nº 235 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> BOBINA Nº 88 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> INF. Nº 282 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> DIÁLOGO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID) <sup>3</sup>/<sub>4</sub> LINHAS 483-486]

## Conclusões

Podemos concluir que, de acordo com os exemplos apresentados, a proposta conceitual de Christensen mostra-se consistente: as inserções enunciativas examinadas possuem não apenas caráter autônomico, como também desempenham uma função semântica intermediária: não são casos de exclusiva autonomia nem tampouco casos de referencialidade extralingüística absoluta. A observação dos exemplos aqui apresentados corrobora as análises apresentadas em nosso trabalho anterior, apontando para a pertinência dessa proposta teórica.

## Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. 10. ed. São Paulo: Cultrix. 1993.
- CARNAP, Rudolf. The logical syntax of language. London: Routledge & Kegan Ltda. 1937.
- CHRISTENSEN, Niels Egmont. "The alleged distinction between use and mentions" In Philosophical Review. v. LXXVI, n. 3. 1957.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PAGOTTI, Eugênio. Uma análise cognitivo-discursiva das metapredicações de identidade com inserções enunciativas, 2002. 241p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo  $\frac{3}{4}$  USP. São Paulo.